

JENNIFER NIVEN

JUNTANDO
OS PEDAÇOS

Tradução

ALESSANDRA ESTECHE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Jennifer Niven

Tradução publicada mediante acordo com Random House Children's Books, uma divisão da Random House LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O trecho de *A sangue frio* de Truman Capote foi retirado da edição da Companhia das Letras (2003), com tradução de Sergio Flaksman.

TÍTULO ORIGINAL Holding Up the Universe

CAPA David Drummond

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Shutterstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Niven, Jennifer

Juntando os pedaços / Jennifer Niven ; tradução Alessandra Esteche. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: Holding Up the Universe.
ISBN 978-85-5534-024-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

16-07721

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

twitter.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Caro leitor,

Alguém gosta de você. Você é necessário. Você é amado.

Essa é a mensagem que tenho escrito para os leitores de *Por lugares incríveis* desde o lançamento do livro em janeiro de 2015. Desde então, milhares de adolescentes que se sentem incompreendidos ou sozinhos entraram em contato comigo. Durante um dia específico do outono do ano passado, escrevi essa mensagem 141 vezes.

Juntando os pedaços é sobre ver e ser visto. Como *Por lugares incríveis*, este romance é uma história pessoal. Ele vem da perda, do medo e da dor que eu mesma senti, ou que pessoas muito queridas para mim sentiram. Vem do meu eu de doze e treze anos, que lutou com o peso e com o bullying decorrente disso. Vem da perda do meu pai, que aconteceu apenas alguns meses depois da perda do meu namorado, quando me fechei completamente e não conseguia sair de casa porque o mundo era muito assustador. De ter que encarar novamente este mundo e ter que entender meu lugar nele. E, mais recentemente, vem da perda da minha mãe, que era meu sol, e de tentar não me preocupar — todos os dias — que eu vou morrer inesperadamente, sem aviso, do mesmo jeito que ela.

Além disso, o livro vem do meu primo de dezesseis anos, que teve que aprender a reconhecer as pessoas à sua volta não pelo rosto, mas sim pelas coisas importantes, como quão legais elas são e quantas sardas elas têm.

Mas a história realmente começou com aquela interação com os leitores. Eu escrevi este livro para Christine nos Estados Unidos, para Jayvee nas Filipinas, para Steysha na Ucrânia, para Paulo no Brasil, para Shubham na Índia, e para todos os outros como eles. Esses adolescentes vibrantes, inteligentes e de coração tão grande que precisam e merecem ser vistos e que precisam saber que alguém gosta deles. Eles são necessários. Eles são amados.

Com amor,
Jennifer

Não sou um merda, mas estou prestes a fazer merda. Você vai me odiar, outras pessoas vão me odiar, mas vou fazer isso mesmo assim, para proteger você e a mim mesmo.

Vai parecer uma desculpa esfarrapada, mas tenho uma coisa chamada prosopagnosia, o que quer dizer que não reconheço rostos, nem mesmo das pessoas que amo. Nem mesmo o da minha mãe. Ou o meu.

Imagine entrar em um lugar cheio de estranhos, pessoas que não significam nada para você, porque você não sabe o nome ou a história delas. Agora imagine ir para a escola, para o trabalho ou, pior, para sua própria casa e todos lá parecerem estranhos também.

É isso que acontece comigo: eu entro em um lugar e não conheço ninguém. Em qualquer parte, no mundo inteiro. Preciso decorar o jeito de andar de cada um. Os gestos. A voz. Reconheço as pessoas por essas marcas identificadoras. Repito para mim mesmo: *Dusty tem orelhas pontudas e cabelo afro*. Assim posso encontrar meu irmão mais novo, mas não consigo imaginar suas orelhas ou seu cabelo se ele não estiver na minha frente. É como se lembrar como as pessoas são fosse um superpoder que todo mundo tem menos eu.

Fui diagnosticado? Não. E não só porque isso está acima da capacidade do dr. Blume, o pediatra da cidade. Não só porque

nos últimos anos meus pais estiveram ocupados demais com os próprios problemas. Não só porque é melhor não ser identificado como uma aberração. Mas porque uma parte de mim tem esperança de que não seja verdade. De que isso se resolva por conta própria. Por enquanto, sigo estas regras:

Acene/ sorria para todos.

Seja simpático.

Fique ligado.

Diga coisas MUITO engraçadas.

Seja a alegria da festa, mas não beba. Não perca o controle (isso já acontece bastante sem o álcool).

Preste atenção.

Faça o que for preciso. Seja o maior babaca de todos os tempos. Qualquer coisa para não ser a vítima. É sempre melhor ser o caçador do que a caça.

Não estou contando tudo isso como desculpa para o que vou fazer. Mas gostaria que você soubesse. É o único jeito de evitar que meus amigos façam alguma coisa pior, e é o único jeito de acabar com esse jogo idiota. Não quero machucar ninguém. Esse não é o motivo. Ainda que acabe machucando.

Com carinho,
Jack

P.S. Você é a única pessoa que sabe do meu problema.

Prosopagnosia (pro.so.pag.no.si.a) *s.f.* 1. incapacidade de reconhecer o rosto das pessoas, geralmente como consequência de dano cerebral.
2. estado em que todas as pessoas são estranhas a alguém.

18 HORAS ANTES

LIBBY

Se um gênio da lâmpada surgisse na minha frente, meus três desejos seriam: que minha mãe estivesse viva, que nunca mais acontecesse nada de ruim ou triste comigo e que eu fosse uma das Damsels, líderes de torcida do colégio Martin Van Buren.

Mas e se as Damsels não te quiserem?

São 3h38 da manhã, e é na madrugada que minha cabeça fica mais agitada e fora de controle, tipo meu gato George quando era filhote. De repente, meu cérebro está subindo pelas cortinas. Escalando a estante. Com a pata no aquário e a cabeça já debaixo d'água.

Fico deitada na cama, encarando a escuridão, enquanto minha mente pula pelo quarto.

E se você ficar presa de novo? E se eles tiverem que derrubar a porta do refeitório ou a parede do banheiro para te soltar? E se seu pai casar de novo e depois morrer, deixando você com a nova esposa e os meios-irmãos? E se você morrer? E se não existir céu e nunca mais der para ver sua mãe?

Digo a mim mesma que preciso dormir.

Fecho os olhos e fico deitada, paradinha.

Paradinha.

Por minutos.

Faço minha cabeça deitar comigo e digo a ela: *Dorme, dorme, dorme.*

E se você chegar à escola e perceber que as coisas estão diferentes, as pessoas estão diferentes, e você nunca vai tirar o atraso, não importa o quanto tente?

Abro os olhos.

Meu nome é Libby Strout. Você já deve ter ouvido falar de mim. Provavelmente assistiu ao vídeo em que sou resgatada da minha própria casa. Da última vez que conferi, 6345981 pessoas tinham visto, e existem grandes chances de você ser uma delas. Há três anos, eu era a Adolescente Mais Gorda dos Estados Unidos. Cheguei a pesar 296 quilos, o que significa que eu estava mais ou menos 226 quilos acima do peso. Nem sempre fui gorda. A versão curta da história é que minha mãe morreu e eu ganhei peso, mas de algum jeito ainda estou aqui. Juro que não é culpa do meu pai.

Dois meses depois de eu ter sido resgatada, nos mudamos para outro bairro, do outro lado da cidade. Hoje já consigo sair de casa sozinha. Perdi 136 quilos. Duas pessoas inteiras. Ainda preciso perder outros noventa, mas tudo bem. Gosto de como estou. Pelo menos agora consigo correr. E entrar num carro. E comprar roupa no shopping em vez de ter que mandar fazer do meu tamanho. E posso girar. Tirando o fato de eu não precisar mais temer a falência dos meus órgãos, essa é a melhor mudança de todas.

Amanhã é meu primeiro dia de aula desde o quinto ano. Agora sou uma aluna do ensino médio, o que, vamos falar a verdade, soa bem melhor do que a Adolescente Mais Gorda dos Estados Unidos. Mas é difícil sentir qualquer outra coisa além de TERROR ABSOLUTO E IRRESTRITO.

Vou ter um ataque de pânico a qualquer momento.

JACK

Caroline Lushamp liga antes de o despertador tocar, mas deixo cair na caixa postal. Sei que, o que quer que seja, não vai ser coisa boa, e a culpa vai ser minha.

Ela liga três vezes, mas só deixa uma mensagem de voz. Quase apago sem ouvir, mas e se o carro quebrou e ela precisa de ajuda? Afinal, já faz quatro anos que namoro e termino com Caroline. (Somos esse tipo de casal. Aquele que termina-volta-termina-volta, então todo mundo acha que vai ficar junto pra sempre.)

Jack, sou eu. Sei que estamos dando um tempo ou sei lá o quê, mas ela é minha prima. MINHA PRIMA. Poxa, MINHA PRIMA, JACK! Se queria se vingar de mim por ter terminado, parabéns, seu babaca, você conseguiu. Se me vir hoje na aula, no corredor, no refeitório ou EM QUALQUER OUTRO LUGAR DO UNIVERSO, não fale comigo. E vá pro inferno.

Três minutos depois, a prima liga. No começo acho que está chorando, mas depois ouço Caroline no fundo, e a prima começa a gritar, e Caroline começa a gritar também. Apago a mensagem.

Dois minutos depois, Dave Kaminski manda uma mensagem avisando que Reed Young quer me matar por ter ficado com a namorada dele. Respondo que estou devendo uma a ele. E estou mesmo. Kam já me ajudou muito mais do que eu o ajudei.

Toda essa confusão por causa de uma garota que, para ser sincero, parecia tanto com Caroline Lushamp que — pelo menos no início — pensei que fosse Caroline Lushamp, então na verdade Caroline deveria

se sentir lisonjeada. É como admitir publicamente que quero voltar com ela mesmo depois de ter sido trocado por Zach Higgins na primeira semana de férias.

Penso em mandar uma mensagem para Caroline dizendo isso, mas só desligo o celular, fecho os olhos e tento fazer o tempo voltar até julho. Naquela época, as únicas preocupações que eu tinha eram ir trabalhar, revirar o ferro-velho, construir coisas (incríveis) na minha oficina (irada) e ficar de boa com meus irmãos. A vida seria tão mais fácil se fosse só Jack + ferro-velho + oficina irada + construir coisas incríveis.

Você não devia ter ido àquela festa. Não devia ter bebido. Sabe que não é confiável. Evite álcool. Evite multidões. Evite pessoas. Você sempre acaba deixando todo mundo irritado.

LIBBY

São 6h33 da manhã. Levantei e estou em frente ao espelho. Há algum tempo, pouco mais de dois anos, eu não conseguia me olhar. Tudo o que via era a cara do Moses Hunt gritando pra mim do outro lado do pátio: *Ninguém nunca vai gostar de você, rolha de poço*. E o rosto de todas as outras crianças rindo. *Gorda, baleia, saco de areia...*

Agora, na maioria das vezes só vejo eu mesma — usando um vestido azul-marinho lindo e tênis, com cabelo de comprimento médio cuja cor uma vez minha vó, sempre doce, mas um tanto maluca, descreveu como “igual à daquelas vacas da Escócia”. E o reflexo da bola de pelo gigante que é meu gato. George me encara com seus olhos dourados vivos, e eu tento imaginar o que me diria. Há quatro anos, deram seis meses de vida a ele, por causa de uma doença do coração. Mas eu o conheço bem o bastante para saber que é ele quem decide quando vai partir.

George pisca pra mim. Neste momento, acho que diria para eu respirar.

Então eu respiro.

Sou muito boa nisso.

Olho para minhas mãos. Elas estão firmes, ainda que eu tenha roído as unhas. Estranhamente, me sinto bem calma. Então percebo: o ataque de pânico não veio. Isso é algo que vale comemorar, então coloco um dos velhos discos da minha mãe para tocar e danço. Dançar é o que eu mais amo e o que pretendo fazer da vida. Não faço aula desde os dez

anos, mas ela está dentro de mim, e a falta de treino não pode apagar isso.

Digo a mim mesma: *Talvez este ano você possa tentar entrar para as Damsels.*

Meu cérebro sobe pelas cortinas e para, tremendo. *E se isso nunca acontecer? E se você morrer antes que qualquer coisa boa ou maravilhosa ou incrível aconteça?* Nos últimos dois anos e meio, a única coisa com que precisei me preocupar foi sobreviver. O foco de todas as pessoas à minha volta, e o meu, era: *Você tem que melhorar.* E agora estou melhor. *E se eu decepcionar todo mundo depois de todo o tempo e esforço que investiram em mim?*

Danço com mais energia para afastar esse pensamento, até que meu pai bate na porta. A cabeça dele aparece.

— Você sabe que eu amo ouvir Pat Benatar de manhã cedo, mas será que os vizinhos também gostam?

Abaixo um pouco o volume e continuo dançando. Quando a música acaba, procuro uma caneta e escrevo em um pé do tênis. **Até o fim da vida, tem sempre alguma coisa esperando, e mesmo que seja uma coisa ruim, que você sabe que é ruim, o que você pode fazer? Não há como parar de viver. (Truman Capote, *A sangue frio*)** Então pego o batom vermelho que minha avó me deu de aniversário, me aproximo do espelho e passo.

JACK

Ouço o chuveiro e vozes lá embaixo. Enfio a cara no travesseiro, mas é tarde demais — não vou mais conseguir dormir.

Ligo o celular e mando uma mensagem primeiro para Caroline, depois para Kam, depois para Reed Young. Digo a todos que eu estava muito bêbado (nem tanto), estava muito escuro (verdade) e não lembro de nada do que aconteceu, porque ainda por cima eu estava chateado. *Tem umas merdas acontecendo aqui em casa e não posso falar disso agora, então se você me desculpar fico te devendo uma pra sempre.* A parte das merdas acontecendo em casa também é verdade.

Para Caroline, acrescento alguns elogios e peço que diga à prima que sinto muito. Explico que prefiro não falar eu mesmo com a garota porque não quero piorar ainda mais a situação. Apesar de ter sido *Caroline* quem terminou *comigo*, e apesar de estarmos separados, e apesar de a gente não se ver *desde junho*. Engulo tudo isso e escrevo para ela. É o que preciso fazer se quero deixar todo mundo feliz.

Me arrasto pelo corredor até o banheiro. O que eu mais preciso no mundo é um banho demorado, mas só consigo umas gotas de água quente seguidas de um jato de água congelante. Sessenta segundos depois — porque é tudo o que consigo suportar — saio, me seco e fico em frente ao espelho.

Então esse sou eu.

É o que penso sempre que vejo meu reflexo. Não tipo: *Uau! Esse sou eu.* E sim: *Hum. Certo. O que temos aqui?* Me aproximo do

espelho, tentando juntar as peças do meu rosto, como num quebra-cabeça.

O cara no espelho não é feio — maçãs do rosto salientes, queixo marcado, o canto do lábio levemente erguido, como se tivesse acabado de contar uma piada. Existe alguma beleza ali. O jeito como inclina a cabeça para trás e mantém os olhos semicerrados faz parecer que está acostumando a olhar os outros de cima, como se fosse superior e soubesse disso. Me dou conta que, na verdade, ele parece um babaca. Com exceção dos olhos, muito sérios e com olheiras, como se ele não tivesse dormido. Está usando a mesma camiseta do Super-Homem que usei todo o verão.

O que essa boca (da mãe) quer dizer com esse nariz (também da mãe) e esses olhos (uma combinação dela e do pai)? As sobrancelhas são mais escuras do que o cabelo, mas não tão escuras quanto as do pai. A pele é morena, não escura como a da mãe, nem clara como a do pai.

A outra coisa que não combina é o cabelo. É uma juba afro enorme que parece ter vontade própria. Se for um pouco que seja parecido comigo, o cara no espelho calcula tudo. O cabelo parece incontrolável, mas o cara o deixou crescer por um motivo: para que possa se reconhecer.

Algo no modo como essas características se combinam é o que faz com que as pessoas se reconheçam no mundo. Algo na mistura faz com que digam: *Esse é o Jack Masselin*.

— O que te identifica? — digo para o meu reflexo, esperando a resposta certa, que não está relacionada ao cabelo. É um momento sério, mas então ouço uma risada conhecida, e um borrão alto e magrelo passa tranquilamente. Meu irmão Marcus.

— *Eu sou o Jack e me acho tão gato* — ele cantarola enquanto desce as escadas.